

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PREPOSIÇÃO NA LIBRAS: O CASO DOS SINAIS "SOBRE" E "CONTRA" NOS NÍVEIS LÉXICO E FONOLÓGICO

Preposition linguistic variation in Libras

Myrna Salerno Monteiro¹

RESUMO

Este artigo objetiva estudar variações linguísticas dos sinais "sobre" e "contra" da Língua Brasileira de Sinais – Libras – nos níveis léxico e fonológico, com a perspectiva de analisar e identificar variantes. De acordo com a proposta deste estudo, é importante conhecer um pouco os aspectos históricos sobre o desenvolvimento da língua de sinais para podermos compreender como ocorrem as variantes. A metodologia constituiu-se da tradução de um texto em Língua Portuguesa como L2. Foram filmadas dezoito pessoas de três estados brasileiros (Santa Catarina, Rio de Janeiro e São Paulo), que traduziram para Libras um texto escrito em português para que pudessem ser

ABSTRACT

This article aims to study linguistic variations of the signs for the words "sobre" (*on*) and "contra" (*against*) of the Brazilian Sign Language – Libras – at lexical and phonological levels, with the perspective of identifying and analyzing variants. According to the proposal of this study, it is important to know a little about historical aspects of sign language development, so that we can understand how the variants occurred. The methodology consisted of translating a text in Portuguese as L2. Eighteen people from three

¹ Mestre em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora de Libras na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Faculdade de Letras; myrna.salerno@gmail.com.

identificadas variantes dos sinais *sobre* e *contra*. Os resultados mostraram a ocorrência de variantes e possibilitaram a escolha de uma variante padrão e suas variantes fonológicas. Um efetivo registro nos permitirá analisar e estudar estratégias para a elaboração de classes gramaticais em Libras.

Brazilian states (Santa Catarina, Rio de Janeiro and São Paulo), were filmed translating a text written in Portuguese to Libras so that the variants of the signs "sobre" and "contra" could be identified. The results showed the occurrence of variants and allowed the choice of a standard variant and its phonological variants. An effective registry will allow us to analyze and study strategies for the elaboration of grammatical teaching in Libras.

PALAVRAS-CHAVE

Libras; Língua de sinais; História do INES, Variação linguística; Comunidade Surda.

KEYWORDS

Libras; Sign language; INES History; Linguistic variation; Deaf community.

1. Apresentação

O presente trabalho pretende apresentar um levantamento de pesquisas já realizadas até o momento sobre variação linguística em preposição da Libras, particularmente no caso dos sinais "SOBRE" e "CONTRA" no nível lexical e fonológico. O ponto de partida foi a observação no *You Tube* de algumas discussões sobre esses sinais específicos e suas variações. Diferentemente da Língua Portuguesa, em que as palavras já têm as classes gramaticais definidas, em língua de sinais essa classificação ainda está por ser feita.

Os estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais são bastante recentes e muitos aspectos ainda estão por ser pesquisados em relação a regras gramaticais e seus valores.

A Libras é utilizada por um número muito grande de pessoas surdas e é adotada nas associações surdas e nas escolas de surdos.

Mesmo sendo o Brasil muito grande, o distanciamento geográfico das comunidades surdas não impediu que a Libras surgisse e se fortalecesse como língua

utilizada em todo o território nacional. Essa difusão se deve historicamente ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)², com sede no Rio de Janeiro, mas que recebe alunos surdos de todo o Brasil. Esses alunos quando voltam para suas regiões nas férias repassam a língua de sinais aprendida no INES aos surdos que não têm acesso à escola. Ao voltar para o Rio de Janeiro, cada um traz consigo as variantes de suas regiões que podem se incorporar à variante do INES.

Com a Lei nº 10.436 de 23 de abril de 2002, a Libras passou a ser reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da comunidade de pessoas surdas no Brasil. Além dessa, há registros de outras línguas de sinais utilizadas no Brasil, como a Língua de Sinais Kaapor Brasileira³ – LSKB⁴ e as línguas de sinais emergentes dos surdos indígenas⁵.

No ano de 2006 foi oferecido um curso a distância de Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina em vários polos do Brasil, que trouxe a oportunidade de interação social em línguas de sinais (surdos-surdos e surdos-ouvintes). Essa mesma universidade também ofereceu a possibilidade mais concreta de ingresso de surdos nos cursos de mestrado e doutorado com viés para o bilinguismo surdo por meio dos cursos de pós-graduação em Linguística e em Estudos da Tradução. Como muitos alunos surdos vêm de vários estados do Brasil, trazem consigo variantes de suas cidades.

2. Pequeno histórico da comunidade Surda e a língua de sinais

Com o objetivo de fundamentar o presente trabalho, acredito ser importante fazer uma pequena descrição histórica de como a Comunidade Surda era vista, a partir de alguns registros da história antiga da humanidade. Por exemplo, os egípcios e persas entendiam a surdez e os gestos dos surdos como sinal visível da graça celeste.

² INES – Primeira escola de surdos do Brasil, fundada em 1857 pelo professor E. Huet.

³ Língua de Sinais Kaapor Brasileira – LSKB é utilizada pela etnia indígena brasileira dos urubu-kaapores que vivem no sul do estado do Maranhão. Essa tribo possui uma relação de um surdo para cada grupo de 75 não surdos. A alta porcentagem de surdez fez com que todos da tribo, tanto surdos quanto não-surdos aprendessem a língua de sinais de modo a se comunicar no seu cotidiano. ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Língua_de_Sinais_Kaapor_Brasileira](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAngua_de_Sinais_Kaapor_Brasileira), último acesso em 23/03/2014).

⁴ Brito (1995) registrou a existência da Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB) em uma de suas pesquisas sobre termos básicos para cores em Línguas de Sinais. Os dados usados nesse trabalho foram coletados com os kaapor de diferentes comunidades indígenas do Maranhão em 1982, consultando-se, para tanto, vários índios surdos e índios ouvintes (SHIRLEY VILHALVA, 2012, p. 69).

⁵ *Línguas de sinais emergentes dos surdos indígenas* – um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul (SHIRLEY VILHALVA, 2009).

Segundo Strobel (2009), por volta de 355 a.C, a sociedade grega considerava a surdez como uma imperfeição da natureza e não aceitava a língua de sinais.

Um dos mais antigos registros escritos que menciona uma língua de sinais é o *Crátilo* de Platão, do século V a.C. Nesse diálogo, dois homens, Crátilo e Hermógenes, pedem a Sócrates para dizer a eles se os nomes das coisas são “convenções” ou se são “naturais”, isto é, se a língua é um sistema arbitrário de símbolos ou se as palavras têm uma relação intrínseca com as coisas que elas significam. Com isto, o diálogo de Crátilo tornou-se uma das primeiras obras filosóficas do período clássico grego a tratar de questões relacionadas à etimologia e à linguística.

Nesse diálogo, Sócrates diz:

Se nós não tivéssemos voz ou língua e quiséssemos nos expressar uns com os outros, nós não iríamos tentar fazer sinais movendo nossas mãos, cabeça e o resto de nosso corpo, exatamente como fazem as pessoas surdas?

Até o século XIX, a maior parte do que nós conhecemos sobre a história da língua dos sinais é limitada aos alfabetos manuais inventados para facilitar a transferência de palavras de uma língua falada a uma língua de sinais, mas não há muitas documentações das línguas de sinais.

Em 1620, Juan Pablo Bonet (1573-1633) publicou, em Madri, o trabalho *Reducción de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos* (‘Redução das letras e a arte para ensinar pessoas mudas a falar’)⁶. Ele é considerado o primeiro tratado de fonética da língua dos sinais, que estabelece um método de educação oral para pessoas surdas.

É importante salientar que nos registros históricos encontrados percebe-se claramente a imposição de um padrão ouvinte de aquisição de língua e instrução acadêmica aos indivíduos surdos.

No século XVIII, o português Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780), na França, lançou os fundamentos de ensino oralista. “O homem educado é aquele que fala bem”.

Dessa época até agora, as pessoas ouvintes confundem a habilidade de falar com voz e a inteligência. A palavra “fala” está ligada etimologicamente ao

⁶ Traduzido por Myrna S. Monteiro.

trinômio VERBO-PENSAMENTO-AÇÃO (MONTEIRO, FELIPE, 2008), e não simplesmente ao ato de emitir som articulado.

Essa ênfase à língua oral em detrimento dos sinais veio sendo aceita ao longo dos anos e, quase já no final do século XIX (1880), ficou ratificada em um congresso mundial de dirigentes de escolas em Milão, vindo a influenciar as metodologias do século XX, com a valorização do desenvolvimento com ênfase na reabilitação auditiva como a grande saída para os problemas da surdez, e conseqüentemente, para a “aprendizagem” da língua oral.

Apesar de a ênfase oralista ser uma constante, temos registro de que houve pessoas ouvintes que tentaram ensinar os surdos utilizando sinais e a língua escrita, como por exemplo, o cientista italiano Girolano Cardano (1501 – 1576).

Também podemos citar o espanhol Pedro Ponce de Leon (1520 – 1584), monge beneditino que fundou uma escola para surdos no Mosteiro de San Salvador em Oña (Espanha). Acredita-se que tenha sido o primeiro professor para surdos. Ponce de Leon desenvolveu um alfabeto manual que permitia ao estudante que aprendesse a soletrar (letra por letra) toda a palavra. Seu trabalho com os surdos foi considerado de grande importância por seus contemporâneos, porque a maioria dos europeus no século XVI acreditava que os surdos eram incapazes de serem educados, deixando-os à margem da sociedade.

De todos os professores, o mais importante do ponto de vista do desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais foi o Abade Charles-Michel L’Eppée (1712-1789). Ele foi o primeiro a imaginar uma gramática de gestos e defendia que estes, tão bem quanto as palavras da língua oral, poderiam veicular o pensamento humano. O que diferencia L’Eppée dos outros educadores de surdos antes foi ter permitido que seus métodos e suas aulas fossem abertos ao público e a outros educadores. Com essa abertura, seus métodos influenciaram toda a educação de surdos da época. L’Eppée também estabeleceu programas de ensino/treinamento para estrangeiros que pretendiam levar os métodos de ensino para outros países, tendo, deste modo, contribuído para a abertura de escolas ao redor do mundo.

Do Instituto de Surdos fundado por L’Eppée, na França, veio para o Brasil, a convite de D. Pedro II, o padre E. Huet (1822 – desconhecido), um professor surdo. Huet utilizava um método combinado. Ele foi o fundador do

INES em 1857, ensinando aos surdos brasileiros e utilizando sua Língua Francesa de Sinais (LFS). Esta ambiência proporcionou uma mistura da língua de sinais brasileira, antiga, com a LSF, também antiga. Dessa mistura, surgiram os primórdios da língua de sinais que temos agora no Brasil.

2.1 *Influência e origens históricas em línguas de sinais nas línguas orais*

Martha's Vineyard é uma ilha na costa nordeste dos Estados Unidos da América, no estado de Massachusetts. Segundo Gesser (2009), desde os primeiros habitantes da ilha, vindos da Inglaterra, a comunidade surda se comunica em língua de sinais e não se considera deficiente. A população dessa ilha foi conhecida como a única comunidade bilíngue na qual todos, ouvintes e surdos, usam língua de sinais inglesa.

O escritor francês Pierre Desloges (1747-1799) ficou surdo aos sete anos de idade, e só aprendeu a língua dos sinais aos vinte e sete anos, com um surdo italiano. Em 1779, ele escreveu o livro *Observations d'un sourd et muet, sur un cours élémentaire d'éducation des sourds* (Observações de um surdo e mudo, sobre um curso elementar de educação de surdos)⁷ publicado por L'Abbé Deschamps (1712-1789), Paris. Esse livro foi o primeiro publicado por uma pessoa surda em que o autor destaca a importância do uso da língua de sinais na educação dos surdos. Descreve uma comunidade de surdos da França, muitos dos quais não teriam conhecimento do francês, falado ou escrito, que passaram a usar a língua dos sinais.

É importante notar que tanto a ASL (American Sign Language – Língua Americana de Sinais) quanto a Libras têm suas origens na LSF.

No caso americano, o educador Thomas Hopkings Gallaudet (1787-1851) iniciou suas viagens para a Europa em busca de ajuda para uma menina surda de oito anos chamada Alice Cogswell (1805-1830), filha de seu vizinho. Depois de muitas tentativas, encontrou o professor surdo Laurent Clerc (1785-1869) na França, aprendeu a LSF e convidou-o para morar nos Estados Unidos.

Teve também a ideia de abrir a primeira escola para surdos, em 1817, chamada *The Connecticut Asylum for the Education and Instruction of the Deaf and Dumb* – Asilo de Connecticut para Educação e Instrução de Surdos e Mudos.

⁷ Traduzido por Myrna S. Monteiro.

Surdos de várias regiões do país migraram para essa escola. Alguns anos depois, o filho de Gallaudet, Edward (1837-1917), fundou em 1864, a Gallaudet University. Embora os sinais sejam de origem francesa, a língua sofreu influências dos sinais indígenas nos EUA.

2.2 O reconhecimento da língua de sinais no Brasil

No Brasil, a Libras e a Língua Portuguesa atualmente são reconhecidas oficialmente. São duas línguas com modalidades diferentes, podendo ser consideradas muito distintas em suas respectivas formas. A Libras se dá através dos sinais da comunicação visual-espacial; e o português, pelas palavras no canal da comunicação oral-auditiva.

No entanto, para que hoje possamos ter uma língua de sinais oficializada, foi preciso ser percorrida uma longa trajetória do ponto de vista linguístico.

Em 1965, William Stokoe (1919-2000) foi co-autor do livro *A Dictionary of American Sign Language on Linguistics Principles* – Um dicionário da Língua Americana de Sinais sobre princípios linguísticos⁸. Esta obra trouxe à tona a discussão sobre a ASL (*American Sign Language*) e as características sociais e culturais dos surdos⁹. Trata-se de um pequeno volume de estudos sobre os sistemas de sinais em comparação com os estudos já realizados dos sistemas orais-auditivos. Esse livro foi fundamental para que se passasse a perceber a ASL não como uma versão simplificada do inglês, mas como uma língua natural, complexa e próspera, com sintaxe e gramáticas independentes, funcionais e poderosas como a de qualquer língua falada no mundo.

Uma questão sobre os estudos das línguas de sinais é que, ao buscar subsídios para o seu estudo nas línguas orais, esses nem sempre são satisfatórios.

Foi Stokoe que, em sua pesquisa sobre ASL, levantou as primeiras características sobre a mesma como a sua dupla articulação (morfemas e queremas)¹⁰.

Segundo Quadros e Karnop (2004), com Stokoe, dividiu-se o sistema quirológico da Língua de Sinais em três parâmetros principais:

⁸ Tradução de Myrna S. Monteiro.

⁹ Há uma convenção, entre especialistas na área de Língua de Sinais, em relação aos itens lexicais: surdo-mudo. Sempre que se refere à comunidade ou cultura, usa-se letra maiúscula e, quando se refere a condições audiológicas de surdez usa-se letra minúscula (PADDEN, 1989).

¹⁰ STOKOE designou “quirológia” o estudo da constituição dos sinais, o que corresponde à fonologia nas línguas orais.

- 1- Configuração de Mãos (CM)
- 2 - Movimento (M)
- 3 - Ponto de Articulação (PA)

Stokoe (1960) propôs o termo “quirema” às unidades formacionais dos sinais (configuração de mão, locação e movimento) e, ao estudo de suas combinações, propôs o termo “quirológia” (do grego: mão). Outros pesquisadores, incluindo Stokoe, em edição posterior (1978), têm utilizado os termos “fonema” e “fonologia”. O argumento para a utilização desses termos é o que de que as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre fala e sinal (KLIMA e BELLUGI, 1979; WILBUR, 1987, HULST, 1993). As articuladoras primárias das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinados pontos (locações) nesse espaço (LSB, p. 48).

Alguns anos depois, tivemos o acréscimo, por Battison (1973), do quarto parâmetro: orientação.

É importante frisar que todos os parâmetros citados ocorrem de forma simultânea, sendo traços distintivos da língua de sinais de uma maneira geral. É possível constatar que determinados sinais que não se enquadram nesses parâmetros são usados na criação humorística, poética ou teatral, e, por isso, são considerados agramaticais.

Outras contribuições como de Battison, Marko Lueiz e Woodward (1975) quanto à descrição das características das línguas de sinais nos permitem observar que todos os fenômenos linguísticos que ocorrem nessas línguas são os mesmos encontrados nas línguas orais, por exemplo, neologismos, gírias, empréstimos de palavras da língua oral, palavrões, palavras que não se podem traduzir e sim explicar variantes regionais, culturais, sociais e sexuais.

Os empréstimos linguísticos podem ser classificados como:

1 - Lexicais: utilizados por meio da datilologia em nomes próprios (de lugares, cidades e pessoas) quando estes não estão contidos no contexto da comunidade, não existindo sinais específicos para os mesmos.

2 - Inicialização: também aparecem com a datilologia, sempre correspondem à primeira letra da palavra tomada de empréstimo da língua oral.

3 - Domínio semântico: são usados por empréstimos para explicar o significado das palavras para as quais não haja uma representação correspondente em língua de sinais.

4 - Ordem fonética: representação visual acompanhada de uma articulação deduzida pela leitura labial da língua oral.

5 - Classificadores – são as configurações de mãos¹¹



ou utilização dos dedos de uma ou das duas mãos, e às vezes dos braços, para expressar pessoas, animais e objetos diversos. Alguns representam substantivos, adjetivos ou locativos, verbos e, em alguns casos, também substituem o sintagma nominal.

É importante lembrar também da existência de um sistema de sinais utilizado universalmente. Entendida como *língua franca*, a língua de sinais internacional é um código, também de natureza gestual-visual, chamado de “Gestuno” ou “Sinais Internacionais”, que utiliza os parâmetros universais das línguas de sinais e também gestos naturais com alto grau de iconicidade. A finalidade dessa forma de comunicação é romper com as fronteiras naturais de intercomunicação entre povos diferentes. Como um sistema de sinais é caracterizado pela utilização apenas de sinais contendo propriedades linguísticas próprias à modalidade gestual-visual, a Língua de Sinais Internacional não pode ser confundida com a Comunicação Total¹², tampouco com uma “língua de sinais unificada ou universal”, como querem e insistem alguns leigos, achando que isso poderia beneficiar o entendimento e a integração do surdo.

2.3 O status da Língua Brasileira de Sinais

No Brasil, conforme Ferreira Brito (1984), existem dois sistemas de sinais, com status de língua: a Libras – Língua Brasileira de Sinais e a Língua Kaapor de Sinais, dos índios Urubu-Kaapor, comunidade que tem uma alta concentração de surdos, sediada na região do Alto Tocantins.

¹¹ Tabela da Configuração de Mãos em Libras. Disponível em: < <http://www.acesobrasil.org.br/libras/> >.

¹² Para Ciccone, a Comunicação Total: [...] é uma proposta educacional cujos critérios básicos se constroem a partir de uma visão do surdo como pessoa, em quem não se pode isolar uma privação sensorial; a partir de uma conceituação de pessoa-que-não-ouve como portador de uma diferença; a partir de um entendimento do surdo como alguém que, como tal, será aceito e, portanto, respeitado em suas necessidades e capacidades (CICCONE, 1996, p. 07).

Antigamente, a Língua de Sinais não era pensada como uma língua, e sim apenas como gestos, mímica, e outros, para comunicação com os surdos e deficientes auditivos. Hoje sabe-se que a língua de sinais tem uma gramática própria e apresenta suas estruturas.

Como mencionado, a Libras é utilizada por um número expressivo de pessoas em associações de surdos, escolas de surdos, amigos e familiares de surdos, em diversos contextos sociais, sendo considerada uma língua oficial. Observa-se que há uma concentração de usuários dessa língua nos grandes centros urbanos, onde há mais oportunidades de interação social entre surdos-surdos e surdos-ouvintes, do que em zonas rurais.

Isso se explica pela distribuição demográfica do território brasileiro, que concentra grandes conglomerados populacionais nos espaços metropolitanos. Já o sistema de sinais dos Urubus-Kaapor está restrito aos membros daquela comunidade indígena, constituída de integrantes que mantêm coesão e fidelidade à sua cultura.

A Libras e a língua de sinais dos Urubus-Kaapor são diferentes e apresentam, na sua formação, histórias próprias. Ambas, no entanto, constituem línguas naturais e nativas das respectivas comunidades, sendo, portanto, línguas maternas dos surdos que posteriormente venham a adquirir uma língua oral.

A Libras, como nos referimos no histórico, surgiu na fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). É resultado da mistura da LSF com os sistemas usados pelos surdos das várias regiões do Brasil.

Em 1880 o congresso em Milão acima citado proibiu o uso de língua de sinais e do alfabeto manual acreditando ser melhor adotar a oralização (usando leitura labial) como a melhor forma de educação para surdo. Com base no resultado desse congresso, em 1930 a direção do INES proibiu o uso da língua de sinais e do alfabeto manual.

Apesar disso, a Libras, se manteve, utilizada na marginalidade, no refeitório, em cantos escondidos do pátio, banheiros e dormitórios do INES, assim como nas associações existentes. Foram muitos anos de proibição oficial e algumas décadas de proibição velada não oficial.

Depois de muitos movimentos e muita pesquisa em educação para surdos, a comunicação gestual entre surdos foi reconhecida como língua. Nos anos 90, os movimentos em prol da oficialização da Língua Brasileira de Sinais se intensificaram

e, finalmente, em 1993, foi elaborado um projeto de lei para regulamentação da Libras no Brasil. Com isso, a língua de sinais passou a ocupar espaço de discussão entre os surdos e os professores ouvintes e na sociedade na política do Brasil.

Em 2002, a Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida com a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Em 2005, pelo decreto 5.626, a Língua Brasileira de Sinais foi regulamentada como disciplina curricular, com o objetivo de assegurar o acesso à educação de surdos nas escolas regulares de ensino.

A história nos faz entender porque é tão recente o reconhecimento pela comunidade surda do uso de sinais como uma língua e, principalmente, da Libras como sua língua nativa. Essa discussão pelos diversos grupos de surdos no Brasil é recente, existindo muitos ainda que resistam aceitá-la.

O reconhecimento e a regulamentação da Libras contribuíram fortemente para o desenvolvimento dos estudos e para a difusão da língua por todo o Brasil. Importantes cursos foram criados e pesquisas vêm sendo feitas. Por exemplo, a formação acadêmica na Letras-Libras à distância da UFSC, em Florianópolis, e nos polos em várias cidades desde 2006.

A UFSC, devido à acessibilidade aos surdos nas diversas faculdades e aos cursos da Faculdade de Letras-Libras e Pós-Graduação (mestrado e doutorado) nas áreas de Educação, Tradução e Linguística, promove a vinda de alunos de várias cidades do Brasil pelas oportunidades de formação acadêmica. Por sua vez, esses alunos trazem para este centro universitário suas variantes linguísticas, o que nos permite pensar nesse espaço e nesses sujeitos como campo fértil para a pesquisa de variantes linguísticas do tipo proposto em meu tema.

Esse estudo gera benefícios para a comunidade surda, que ao identificar aspectos gramaticais pesquisados sobre sua língua, vai fortalecendo esse campo pesquisa e dando base para outros estudos que favorecerão o reconhecimento cada vez maior da Libras pela sociedade.

Esse conjunto de cidadãos surdos assim educados passa a aceitar e a respeitar a diversidade, melhorando a qualidade de vida da população como um todo. Além disso, o estudo pode contribuir também na área de ensino em várias escolas de surdos e escolas inclusivas, bem como para outros pesquisadores surdos e ouvintes que trabalham com os profissionais e/ou outros informantes linguísticos surdos que poderão continuar e aprofundar os conhecimentos sobre as preposições de Libras.

Foram selecionados, para este estudo inicial e experimental, os sinais em Libras das preposições “SOBRE” e “CONTRA” que, por serem usadas por surdos em todo o Brasil, possibilitam verificar se há variantes regionais ou se este é um caso de regra categórica (variação zero).

3. Fundamentos teóricos das variações nas línguas orais

Entre as questões que podem ser levantadas a respeito de uma comunidade linguística e de sua língua, uma diz respeito às variedades existentes nessa língua e ao comportamento manifestado pelos seus falantes em relação a algumas, ou a todas as suas variedades.

A sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a sociedade e a língua, focalizando principalmente o uso real da língua entre os falantes. Estuda, entre outras coisas, a maneira como a linguagem é usada por um grupo de pessoas e a influência da sociedade sobre o uso da língua. Trata de questões como a análise dos padrões de uso da língua por uma cultura específica e estuda a estrutura e a evolução da língua dentro do contexto social de uma comunidade. O marco importante para seu desenvolvimento foi o trabalho de Labov¹³ de 1960, que fez uma série de investigações sobre variações linguísticas.

São inúmeros os exemplos por meio dos quais é possível ilustrar a variabilidade de uma língua. O uso regional dos pronomes pessoais (tu e você); a realização de formas como (poblema) e (problema); (falano) e (falando); expressões como: (Eu o vi ontem) e (Eu vi ele ontem) etc.

O princípio da variação linguística é entendido como geral e universal, podendo ser a variação linguística descrita e analisada. Entende-se também que toda a variação é motivada e, por isso, é sistemática e previsível. Uma vez que diversos fatores podem gerar impactos nas línguas, é esperado que variações da língua ocorram, estas variações podem ser geográficas (ou diatópicas) ou sociais (ou diastráticas). (MUSSALIM E BENTES, 2006).

Além dos aspectos geográficos e sociais, as variações são contínuas, razão por que não se pode determinar precisamente suas fronteiras.

A variação ocorre no eixo Diatópico (Geográfico) e no eixo Diastrático (Social). Podemos chamar de Dialeto Regionais os que ocorrem nas regiões

¹³ Ver LABOV, W. (1972). *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Perreira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

geográficas, isto é, são diatópicas faladas por comunidades identificadas geograficamente. Dialeto Social, os que ocorrem nas sociedades.

Os registros são as variações de acordo com o contexto de uso, ou seja, variantes linguísticas escolhidas pelo falante, dentre outras possíveis.

Todo falante aprendeu como sua primeira língua, L1, uma particular variedade de língua de sua comunidade linguística.

Idioleto é o nome dado à maneira ou jeito pessoal de cada falante, diferente da fala usual.

4. Fatores de variação

Todos sabem que as línguas mudam com o tempo. Isso fica evidente quando se compara uma língua com outra, ou mesmo uma observação diacrônica de uma mesma língua. Essas mudanças aparecem nos níveis semântico e sintático, passando pela fonologia, léxico, morfologia. De acordo com Mollica e Braga (2004), as variações observadas podem ter várias causas. Neste trabalho estudamos os fatores idade, sexo e escolaridade.

4.1 Variação do léxico devido à idade

As mudanças não acontecem de repente; são graduais, ao longo do tempo, às vezes ao longo de séculos, em várias dimensões. Nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais velhos costumam preservar as formas antigas, mesmo porque é comum que os jovens apresentem gírias, um léxico particular que os identifica num grupo. Pensando no Português Brasileiro, Mussalim e Bentes (2006) trazem exemplos de como podemos identificar diferentes faixas etárias de acordo com o uso da língua.

Elas mencionam o léxico particular encontrado principalmente no uso das gírias; o uso do pronome tu no Rio de Janeiro, mais comumente encontrado em falantes mais jovens; e a pronúncia fechada da vogal tônica posterior da palavra senhora, encontrada principalmente nos falantes mais velhos.

4.2 Variação do léxico devido ao sexo

A primeira referência sobre a influência do fator sexo como elemento influenciador na ocorrência foi na língua inglesa, com Fischer (1958, p: 33). Ele constatou em seus estudos que a forma de maior prestígio é frequentemente utilizada pelas mulheres, em comparação aos homens.

Outros estudos sociolinguísticos contribuem para ratificar as pesquisas de Fischer com respeito ao fator sexo. Esses estudos concluem que as mulheres são mais propensas ao emprego de uma forma padrão ou mais prestigiada.

É importante acrescentar que essas diferenças podem ocorrer também em função de classe social a que os falantes pertencem. Essas diferenças podem ser maiores na classe média baixa em relação à classe média alta e à alta.

A referência que encontramos sobre variação devido ao fator sexo em língua de sinais é o artigo de J. Woodward e S. De Santis (1977). Em pesquisa realizada na ASL e na LSF, os autores concluíram que os homens americanos tendiam a usar mais frequentemente as formas mais novas do código das mãos do que as mulheres, que preferem as formas mais antigas.

4.3 Variação do léxico devido à escolaridade

Votre (apud MOLLICA e BRAGA, 2013) afirma que a escolarização em seus diferentes níveis provoca mudanças perceptíveis na fala e na escrita dos falantes. Dessa maneira, este autor acredita que a escolaridade é, portanto, uma variável a ser analisada. Esta variável pode ser observada por meio de quatro subcategorias ligadas a ela:

A primeira é a distinção entre forma de prestígio e forma neutra, ou não marcada. As formas de prestígio ocorrem em contextos mais formais, entre interlocutores que ocupam posições mais elevadas na escala social. A forma de prestígio é validada na literatura nacional ou local e nas gramáticas escolares, por meio das quais os professores de português também a legitimam.

Outra distinção é entre as formas estigmatizadas e não estigmatizadas. A estigmatizada provoca uma reação negativa na maioria dos usuários da língua, sendo considerada como um problema nas gramáticas escolares e manuais de ensino. São os chamados vícios de linguagem, tratados como doença. Esse é um processo de regularização da língua, é um processo universal linguístico, que consiste em fixar, cristalizar, a frequência de uso na comunidade de fala. Essa regularização acontece na concordância, na regência, etc.

A terceira distinção é relativa aos fenômenos variáveis de uso para os quais as gramáticas e os manuais de ensino de língua chamam atenção. São alterações de letras, uso de pronomes, expressões de redundância, etc.

A quarta distinção é entre os fenômenos controlados do nível do discurso e da cláusula. Esses fenômenos de uso de língua têm sido abordados exclusivamente até o nível da cláusula. A escola não tem nada a dizer em relação aos condicionantes de uso.

5. Metodologia

Para a elaboração do presente trabalho, levou-se em consideração aspectos da variação regional segundo os fatores: sexo, idade e escolaridade, com o objetivo de levantar dados qualitativos que indicassem com clareza, para futuras pesquisas, o quadro real de uso das variantes regionais praticadas em Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro.

Foram filmadas e entrevistadas 9 (nove) pessoas do sexo masculino e 9 (nove) pessoas do sexo feminino nos três estados num total de 18 pessoas. Elas foram estratificadas nas faixas etárias de 20 a 29 anos de idade, de 30 a 39 anos de idade e acima de 40 anos de idade, com formação superior (graduação, especialistas, mestres e doutores).

Vários filmes em línguas de sinais foram pesquisados no *YouTube* e foi escolhido o vídeo de uma moça surda de Curitiba (PR) que fala a respeito do exame ENEM 2013, tendo a Libras como L1¹⁴. Esse filme foi traduzido para o português como L2¹⁵ pela autora deste texto. Os entrevistados foram filmados ao lerem e traduzirem o texto, de forma espontânea, para a Libras. O uso dos sinais “SOBRE” pôde ser observado nas Figuras 1, 2 e 3 e o uso dos sinais “CONTRA” nas Figuras 1a, 2a e 3a.

¹⁴ L1: primeira língua.

¹⁵ L2: segunda língua.

Sinal **SOBRE**

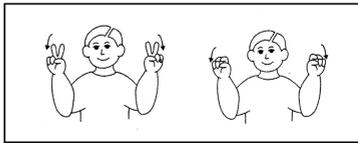


Figura 1¹⁶ – SOBRE

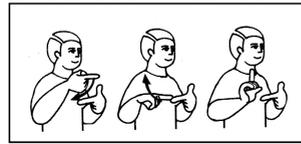


Figura 2¹⁷ – SOBRE

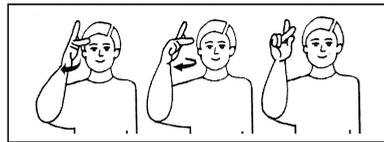


Figura 3¹⁸ – SOBRE

Sinal **CONTRA**

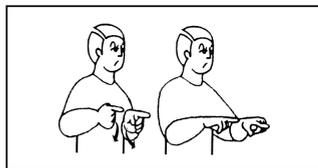


Figura 1a¹⁹ – CONTRA (1)

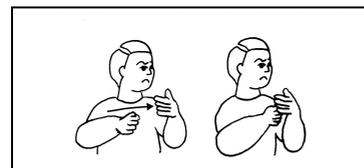


Figura 2a²⁰ – CONTRA

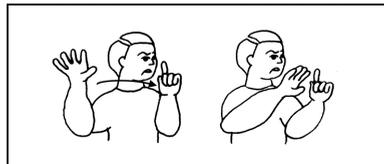


Figura 3a²¹ – CONTRA

6. Análise dos dados

6.1 Variação regional do sinal “sobre” no nível lexical

A palavra “sobre” na Língua Portuguesa é uma preposição que liga dois substantivos, como por exemplo, “livro sobre a mesa”, “filme sobre guerras”. No primeiro exemplo, a palavra “sobre” é relacionada à ideia de lugar, e no segundo, a uma “noção”, um assunto.

¹⁶ Desenho de Flavio Milani, designer e professor de Libras.

¹⁷ Desenho fonte: *Dicionário Enciclopédico Capovilla* (2001), página 1203.

¹⁸ Desenho de Flávio Milani, designer e professor de Libras.

¹⁹ Desenho fonte: *Dicionário Enciclopédico Capovilla*, página 458.

²⁰ Desenho de Flavio Milani, designer e professor de Libras.

²¹ Desenho de Flávio Milani, designer e professor de Libras.

O sinal “sobre” das Figuras 1, 2 e 3 acima desempenha a função de uma “noção” (tema, assunto), ver citado.

Existem outros sinais “sobre” relativos a um espaço, ou seja, em cima de alguma coisa. Por exemplo, na Figura 4, “O livro está sobre a mesa”. Em Língua de Sinais, MESA LIVRO EM CIMA. Na Figura 5, “Coloque este livro sobre a estante”. Em Língua de Sinais, ESTANTE LIVRO COLOCAR-EM CIMA. Na Figura 6, “Deixe o livro sobre a mesa”. Em Língua de Sinais, MESA, LIVRO EM CIMA, DEIXAR. Esses sinais não foram incluídos neste trabalho:



Figura 4²² – SOBRE

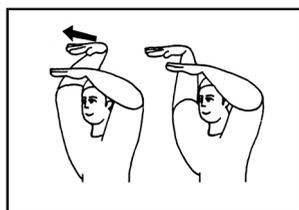


Figura 5²³ – SOBRE

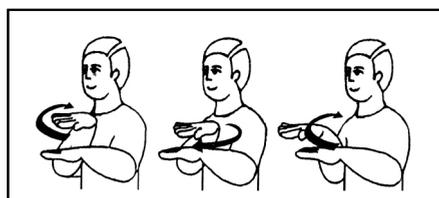


Figura 6²⁴ – SOBRE

O sinal “sobre” mostrado na Figura 1 foi usado nas três regiões por pessoas dos dois sexos, com exceção da região de São Paulo: o entrevistado (b), da faixa etária acima de 40 anos, não usou este sinal.

²² Dicionário Fonte DEIT-LIBRAS, pág. 2040.

²³ Desenho fonte: *Dicionário Enciclopédico Capovilla*, pág. 1202.

²⁴ *Dicionário Enciclopédico Capovilla*, pág. 1203 e Dicionário DEIT-LIBRAS, pág. 2040.

O sinal da Figura 2 foi usado somente na região de São Paulo: a entrevistada (c), da faixa acima de 40 anos, usou o da Figura 2, bem como o entrevistado surdo (a), da faixa de 30 a 39 anos, e o surdo (b) da faixa de acima de 40 anos.

O sinal da Figura 3, pela semântica, se refere ao sentido de “para”, menos usado nas três regiões. O entrevistado paulista (a) da faixa de 30 a 39 anos de idade, usou a Figura 3 além de usar também os sinais das Figuras 1, e 2. Na região do Rio de Janeiro, o entrevistado (c), da faixa de 30 a 39 anos de idade, também usou o sinal da Figura 2, além da Figura 1.

6.2 *Variação regional do sinal “sobre” no nível fonológico*

O sinal “sobre”, das Figuras 1, 2 e 3, no nível fonológico apresenta variantes de acordo com os parâmetros: configuração de mão, movimento e ponto de articulação, maneiras de sinalizar dos surdos.

Por exemplo, na Figura 1, os dedos em “V” e dobram para cima e para baixo, com movimentos curtos, uma, duas ou três vezes. Outra maneira de usar este sinal é curvar os dedos e girar o pulso para dentro, com movimentos curtos, uma ou duas vezes. Também pode ser o movimento dos dedos em “V” em diagonal, ou seja, a mão direita mais para cima e a mão esquerda para baixo, dobrando os dedos com o movimento curto, uma ou duas vezes.

Para o sinal da Figura 2, deslizar o dedo indicador com o movimento para o lado ou para frente, em frente do corpo.

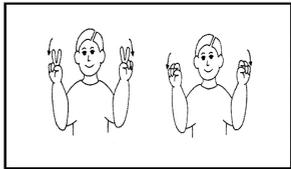
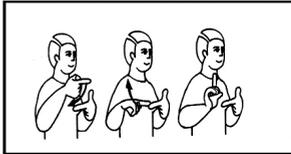
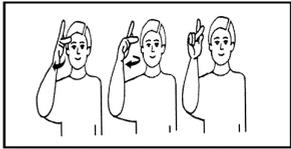
Para o sinal da Figura 3, tocar no lado da testa e movimentar a mão para frente.

Passemos à análise da tabela do sinal “SOBRE”, por região.

Como se pode observar na Tabela 1, nas regiões de Santa Catarina, Rio de Janeiro e São Paulo, pessoas do sexo feminino e masculino usaram o sinal da Figura 1. Porém, na região de Santa Catarina, a entrevistada (a), da faixa etária de 20 a 29 anos, curvou os dedos com o movimento curto para baixo, uma vez. A entrevistada (b), da faixa de 30 a 39 anos, dobrou os dedos na altura da cabeça, com o movimento curto, uma vez. A entrevistada (c), da faixa de 30 a 39 anos, dobrou os dedos com o movimento curto, duas vezes.

Quanto ao sexo masculino, o entrevistado (a) da faixa de 20 a 29 anos, utilizou o sinal dobrando os dedos e girando a mão com o pulso, com o movimento curto, duas vezes.

Tabela 1 – Sinal SOBRE – nível léxico

Região		SC		RJ		SP	
Sexo		F	M	F	M	F	M
		3	3	3	3	3	3
Idade	20-29	1	2	1	-	-	-
	30-39	2	1	2	3	1	2
	Acima de 40	-	-	-	-	2	1
Escolaridade	Graduado	-	1	-	-	-	1
	Especialização	-	1	2	3	2	1
	Mestrando	3	1	-	-	1	1
	Doutorando	-	-	1	-		
Uso do sinal	Figura 1 	3	3	3	3	2	2
	Figura 2 	-	-	-	1	1	2
	Figura 3 	-	-	-	-	-	-

O entrevistado (b) da faixa de 20 a 29 anos, utilizou o sinal dobrando os dedos para baixo, com o movimento curto, rapidamente, uma vez.

O entrevistado (c) da faixa de 30 a 39 anos utilizou o sinal dobrando os dedos para baixo com o movimento curto rapidamente, duas vezes na altura da cabeça.

Na região do Rio de Janeiro, a entrevistada (a), da faixa etária de 30 a 39 anos, usou o sinal com o movimento curto, duas vezes. A entrevistada (b),

da faixa de 20 a 29 anos, e a entrevistada (c), da faixa de 30 a 39 anos, usaram o sinal dobrando os dedos e girando as mãos simultâneas com o pulso virado para dentro, uma vez.

Quanto aos entrevistados do sexo do masculino: (a), da faixa etária de 30 a 39 anos, usou o sinal dobrando os dedos e girando as mãos simultaneamente com o pulso virado para dentro, duas vezes; (b), da mesma faixa etária, usou o sinal com o movimento curto, uma vez; (c), também da faixa de 30 a 39 anos, utilizou o sinal com o movimento curto, três vezes ao mesmo tempo levantando a cabeça para cima e virando para o lado.

Na região em São Paulo, a entrevistada (a), da faixa de acima de 40 anos, e a entrevistada (b), da faixa de 30 a 39, utilizaram o sinal com o movimento curto rapidamente, duas vezes. A entrevistada (c) não utilizou o sinal da Figura 1 e sim a Figura 2, deslizando a mão para frente.

Quanto aos entrevistados do sexo masculino, somente (c) utilizou o sinal da Figura 1 girando as mãos para dentro, com o movimento curto, rapidamente, duas vezes. Os entrevistados (a) e (b) utilizaram o sinal da Figura 2, deslizando com o movimento curto rapidamente, uma vez, para o lado direito.

6.3 Variação regional do sinal “contra” no nível lexical

A palavra “contra” na Língua Portuguesa significa oposição, direção contrária. Na língua de sinais desempenha duas funções, dependendo do contexto: um refere-se à “oposição” e outro se atua como um “protesto”.

Apresentamos na Tabela 2, da variação regional do sinal “contra”, as Figuras 1a, 2a e 3a, adiante.

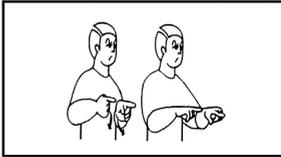
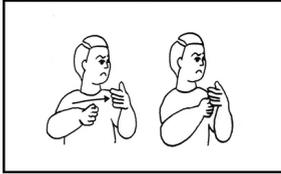
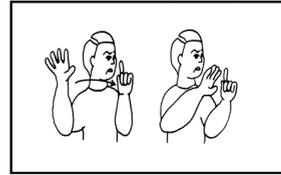
Na Figura 1a, o sinal “contra” tem o sentido de oposição. Na Figura 2a, o sinal “contra” tem o sentido de uma ação, como se fosse um “protesto”.

A variante do sinal “contra” mostrada na Figura 3a é mais usada na região de Santa Catarina devido à influência do estado do Rio Grande do Sul. Havia a dúvida se os surdos gaúchos que moram em Santa Catarina influenciam os surdos desse estado. Pudemos perceber por meio dos filmes, que os surdos de Santa Catarina não usaram o sinal da Figura 3a.

Os surdos nas três regionais pesquisadas utilizaram os sinais das Figuras 1a e 2a. Na região de Santa Catarina, as pessoas do sexo feminino usaram o

sinal da Figura 1a e uma entrevistada de faixa de 20 a 29 anos utilizou os sinais das Figuras 1a e 2a. Quanto ao sexo masculino, dois entrevistados utilizaram a Figura 1a e o outro a Figura 2a.

Tabela 2 – Sinal CONTRA – nível léxico

Região		SC		RJ		SP	
Sexo		F	M	F	M	F	M
		3	3	3	3	3	3
Idade	20-29	1	2	1	-	-	-
	30-39	2	1	2	3	1	2
	Acima de 40	-	-	-	-	2	1
Escolaridade	Graduado	-	1	-	-	1	1
	Especialização	-	1	2	3	2	1
	Mestrando	3	1	-	-	1	1
	Doutorando	-	-	1	-	-	-
Uso do sinal	Figura 1a 	3	2	1	3	2	3
	Figura 2a 	1	1	3	1	1	2
	Figura 3a 	-	-	-	-	-	-

Na região de Santa Catarina, a entrevistada (a), do sexo feminino e faixa etária de 20 a 29 anos, utilizou o sinal com as palmas para dentro e em seguida

as mãos viradas, com o movimento para o lado esquerdo e a expressão facial de intensidade, com "força", uma vez. A entrevistada (b), da faixa de 30 a 39 anos de idade, utilizou uma vez o movimento com as mãos para frente ao lado direito, com a expressão facial de intensidade com "força".

A entrevistada (c), da faixa de 30 a 39 anos de idade, utilizou as mãos com as palmas para dentro em frente do peito e em seguida com as mãos viradas simultâneas para o lado direito, uma vez.

Do sexo masculino, o entrevistado (a), da faixa de 20 a 29 anos de idade, utilizou o sinal com o movimento para frente no lado direito, uma vez. O entrevistado (b), de 20 a 29 anos de idade, não utilizou o sinal da Figura 1.

O entrevistado (c), da faixa de 30 a 39 anos de idade utilizou o sinal com o movimento para o lado direito, uma vez.

Em relação à Figura 2, observamos que a entrevistada (a), do sexo feminino, da faixa de 20 a 29 anos de idade, utilizou o sinal com o movimento curto para o lado esquerdo duas vezes e com a expressão facial de intensidade com "força".

Quanto ao sexo masculino, o entrevistado (b) utilizou o sinal com o movimento para o lado esquerdo, uma vez, com a expressão facial de intensidade com "força".

Na região do Rio de Janeiro, sexo feminino, as entrevistadas (b) e (c) das faixas de 20 a 29 e 30 a 39 anos de idade respectivamente, utilizaram o sinal em frente do corpo, com o movimento para frente, uma vez com a expressão facial de intensidade com "força".

Do sexo masculino, apenas o entrevistado (a), da faixa de 30 a 39 anos de idade, utilizou o sinal com o movimento para o lado direito, uma vez, com a expressão facial de intensidade com "força".

Na região de São Paulo, sexo feminino, a entrevistada (a) utilizou o sinal com o movimento para frente, uma vez, com expressão facial de intensidade, com "força".

Do sexo masculino, o entrevistado (a), da faixa de 30 a 39 anos de idade, utilizou o sinal com o movimento para cima e para o lado esquerdo, uma vez, com a expressão facial de intensidade com "força". O entrevistado (b), da faixa de acima de 40 anos, utilizou o sinal com o movimento para frente ao lado esquerdo, uma vez, com a expressão facial de intensidade "força".

Considerações finais

O estudo descrito acima permitiu que se percebesse que, apesar dos registros literários darem conta de três tipos de possíveis variações de cada sinal, pelo menos uma variação não está mais ocorrendo: a do sinal SOBRE da Figura 3 e a do sinal CONTRA da Figura 3a, mostrando que já deve estar ocorrendo um desuso desses sinais, provavelmente as gerações pesquisadas neste estudo já não o utilizam, mas talvez gerações de surdos mais velhos ou bem mais novos possam utilizá-los, justificando assim sua presença no registro enciclopédico.

Outra observação que pode ser feita é que em Santa Catarina, primeiro polo de Letras-Libras e primeira universidade a se abrir verdadeiramente para a comunidade surda no país, faz o uso de apenas um sinal para SOBRE, a Figura 1, não utilizando as duas outras opções. Assim, pode estar ocorrendo uma simplificação ou reforço do uso de apenas um sinal para garantir o entendimento durante o discurso.

Sobre o sinal CONTRA, apesar de ser encontrado o uso das Figuras 1a e 2a, a segunda já se mostra menos utilizada, parecendo mesmo convergir para um único sinal no futuro, o da Figura 1a.

Todo esse levantamento é um ensaio pioneiro da pesquisa de variação na Libras, devendo haver maiores pesquisas, com amostras maiores para constatação e riqueza de detalhes.

O uso de preposições na Libras tem sido julgado por vários pesquisadores como não existentes. No entanto, em nossos estudos temos observado que esse fenômeno linguístico ocorre na Libras e constatamos não apenas o uso desses sinais, que indicam preposições, como também variantes importantes, tanto do ponto de vista lexical quanto fonológico.

Sendo o Brasil um país de área imensa, a distância geográfica faz com que seja muito provável encontrarmos variações regionais na língua de sinais.

Será muito benéfico para o estudo da Libras que pesquisas semelhantes venham dar continuidade a este pequeno estudo. As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste não foram pesquisadas, bem como nada se coletou nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, da região Sudeste, e no Paraná e Rio Grande do Sul, na região Sul. A imensidão de nosso país nos faz crer que haja muito a ser compreendido com relação ao uso de preposições em Libras.

REFERÊNCIAS

- BATTISON, R. Phonological Deletion in American Sign Language. *Sign Language Studies*, volume 5, 1974.
- BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- CAPOVILLA, F. C.; DUARTE R. W. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue: Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS*. Vol. I e II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- CASTRO JUNIOR, G. *Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2011.
- FARIA, C. V. *Variação linguística em LSCB*. In: V Encontro Nacional da Anpoll, PUC – São Paulo, 1989.
- FELIPE, T. A. *As comunidades Surdas do Brasil reivindicam o respeito pelos seus direitos linguísticos*. FENEIS, Rio de Janeiro, 1993.
- FISCHER, J. L. (1958). Social Influences on the Choice of a Linguistic Variant. *Word*, v. 14, n. 1, 47-56, 04 Dec 2015
- GESSER, A. *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- LABOV, W. (1972). *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Perreira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- McCLEARY, L. *Sociolinguística*. CCE, UFSC, Florianópolis, 2007.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MOLLICA, M. C (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. *Cadernos Didáticos*, UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.
- MOLLICA, M. C. *Iconicidade e mudança em língua de sinais*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ 1992.
- MONTEIRO, M. S. e FELIPE, T. A. *LIBRAS em contexto*. Curso Básico - Livro do Professor. 7. ed. Rio de Janeiro: WallPrint, 2008.
- MONTEIRO, M. S. *Linguística aplicada ao ensino do português: a variação linguística em Língua Brasileira de Sinais*. Monografia – (Curso de Especialização) UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.
- PADDEN, C. *The Deaf Community and the Culture of Deaf People*. In: C. Baker & R. Battison (eds.) *Sign Language and the Deaf Community*. National Association of the Deaf, 1980.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ROCHA, S. *O INES e a educação de surdos no Brasil: Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos*. v. 1, 2. Ed., Rio de Janeiro: INES, 2008.

STOKOE, W. C.; CASTERLINE, D.; CRONEBERG, C. G. *A Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles*. Silver Spring: Linstok Press, 1976.

STROBEL, K. e FERNANDES, S. *Aspectos linguísticos da Libras: Língua Brasileira de Sinais*. Curitiba: Seed-DEE, 1998.

STROBEL, K. Texto base: *História da educação de surdos*. Florianópolis: UFSC/SC 2009.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática, Série Princípios, 1985.